

**Nada contra, estou experimentando**  
Reflexões sobre gênero, sexualidade  
e juventude em Tucuruí/PA

*Nothing against, i'm trying: reflections about gender,  
sexuality and youth at Tucuruí/PA*

**Kirla Korina dos Santos Anderson**

*Doutora em Ciências Sociais – UFPA  
Professora do Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia do Pará  
kirla.anderson@ifpa.edu.br*

04

## Resumo

Tratar de gênero e sexualidade em sala de aula costuma se confundir com a experiência pessoal dos alunos, o que se reflete em um sistema de classificações (hierarquizantes) que eles acionam para falar de si e dos outros. Neste sentido, este trabalho objetiva identificar e compreender antropologicamente o que significam gênero e sexualidade para jovens estudantes entre 15 e 18 anos da cidade de Tucuruí, no estado do Pará. Para isso, busca entender o que eles entendem por masculino e feminino, como os valores sociais influenciam sua experiência social, isto é, com quais pessoas costumam conversar sobre o assunto, como percebem tal temática e como falam de suas experiências pessoais. Os dados empíricos foram coletados em diferentes momentos, durante os anos de 2016 e 2017, contando com discussão dos referidos temas em sala, realização de rodas de conversa e aplicação de questionários e conversas informais (ou seja, para além do tempo da aula). Os resultados mostram que em relação às noções de masculino e feminino, as falas partem do padrão binário de gênero, reproduzindo um discurso heteronormativo, marcado por expressões como “eu acho errado”, “não concordo”, “só existem dois sexos”. Entretanto, a reprodução do discurso hegemônico não os impede de experimentar “ficar com meninos e meninas”, como eles dizem, tampouco restringe a amizade com pessoas que se declaram gays, “bi” ou lésbicas. O quadro de análise que se desenha revela situações de reprodução de hierarquias e não-aceitação do outro, suscitando a reflexão do lugar da diversidade e do jovem na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Gênero, Juventude, Sexualidade.

## Abstract

It aims to identify and comprehend anthropologically what gender and sexuality mean for Young people of 15 and 18 years old, in Tucuruí city, Pará's state. In order to do this, it seeks to understand what the college students understand as masculine and feminine and how social values influence their social experience, to know with which people usually

talk about the subject, how they notice the thematic and how they talk about their personal experience. Empirical data were collected in different times, during 2016 and 2017 years, counting with the discussion of the mentioned subjects in class, application of 21 questionnaires and informal conversations (beyond class time). Talking about gender and sexuality in the classroom is often confused with the students' personal experience, which is reflected in a system of classifications (hierarchical) that they trigger to talk about themselves and the others. When asked about male and female, the speeches depart from the binary gender standard, reproducing a heteronormative discourse, marked by expressions such as "I think it's wrong", "I don't agree", "there are only two sexes". However, the hegemonic reproduction speech doesn't prevent from trying "staying with boys and girls", as they say, neither restricts the friendship with people who declare themselves to be gays "bi" or lesbians. The analysis framework that is drawn, reveals situations of hierarchies reproduction and non-acceptance of the other, provoking the place reflexion in the diversity and youth in contemporary society.

**Keywords:** Gender, Youth, Sexuality.

## Introdução

Este trabalho registra uma série de reflexões que tenho desenvolvido a partir de minha atuação como docente de Sociologia, em uma instituição federal de Educação Profissional e Tecnológica, acerca da temática "gênero e sexualidade", reflexões que vão além da discussão do conteúdo em sala de aula<sup>1</sup>. Os interlocutores desta pesquisa são jovens

---

<sup>1</sup> Os dados analisados aqui fazem parte do Projeto Juventudes, Sexualidades e Identidades em Diversos Contextos Etnográficos, que tem como objetivo principal identificar e analisar antropológicamente ideias e práticas de jovens entre 14 e 18 anos sobre identidade, gênero e sexualidade na sociedade contemporânea, nas cidades de Belém e Tucuruí, no Estado do Pará, registrado na Diretoria de Pesquisa e Inovação do Campus Belém do IFPA.

entre 15 e 18 anos, estudantes do ensino médio integrado ao curso técnico, que moram na cidade de Tucuruí, no estado do Pará.

Ouvir as histórias de meus alunos sobre suas amizades, convivência em família, curiosidades sobre a vida universitária tem sido comum em meu cotidiano de trabalho. Entre as histórias que me confiaram, há relatos sobre o primeiro beijo e a dificuldade de conversar sobre determinados assuntos com seus pais, dos encontros escondidos com “ficantes” nas festas da escola, o que costuma ser marcado por diferenças de gênero (meninos e meninas não contam da mesma forma, por exemplo), dúvidas e curiosidades, que caminham de maneira tênue com uma “vontade de experimentar”.

Neste sentido, este trabalho objetiva identificar e compreender antropologicamente significados sobre gênero e sexualidade na experiência destes jovens, no que se refere ao que entendem por masculino e feminino, como percebem tal temática e como falam de suas experiências pessoais sobre namoro, “fica”, casamento, bem como o comportamento de homens e mulheres nestas situações, observando como influenciam sua experiência social.

Em perspectiva etnográfica, procurei observar o que e como falam, assim como suas práticas em relação às construções sociais acerca do masculino e feminino, articulando comentários feitos por eles durante as aulas sobre como mulheres e homens *devem* se comportar, além disso, apresento relatos de rodas de conversa, entrevistas e conversas informais, em que tivemos a oportunidade de falar mais abertamente sobre a temática na vida pessoal.

Deste modo, não se considerar aqui apenas o que eles pensam do assunto de modo geral na sala de aula, mas também em como dizem e por quais experiências já passaram, observados a partir das injunções de gênero, o que permite compreender o lugar que a alteridade ocupa na construção da identidade jovem, numa postura de estranhamento da pesquisa antropológica (MALINOWSKI, 1978; GEERTZ, 1989; DAMATTA, 1997; CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006).

Vale destacar que um debate que tomou destaque na antropologia contemporânea na década de 1980 diz respeito à inversão do paradigma em torno do objeto de pesquisa, que passou a se deslocar para as sociedades do pesquisador, em detrimento às consideradas primitivas e/ou exóticas, configurando uma tendência autorreflexiva da antropologia pós-moderna (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1983; FISCHER, 1985; TRAJANO FILHO, 1988).

Os dados empíricos foram coletados em diferentes momentos, durante os anos de 2016 e 2017, com rodas de conversa e aplicação de questionários, tratando de questões sobre como entendem o que é masculino e feminino, assim como conhecer alguns aspectos de suas relações afetivo-sexuais (a saber, com que idade deram o primeiro beijo, iniciação sexual, “fica”, namoro), o que se traduziu em muitas (e, algumas vezes, longas) conversas sobre “coisas da vida”.

Para melhor expor os dados obtidos, o artigo está dividido em duas partes. Na primeira, falo do contexto que inspirou a pesquisa, de meu cotidiano com as turmas de ensino médio, mais especificamente, das aulas em que discutimos gênero e sexualidade, bem como apresento o perfil do grupo que participou da roda de conversa e respondeu ao questionário. Na segunda parte, trago as falas de suas experiências sociais sobre a temática, com destaque para reflexões sobre o lugar do outro, no sentido antropológico, em seu cotidiano.

### **De aula de Sociologia a encontro etnográfico: sobre o contexto da pesquisa**

Minha curiosidade em compreender gênero e sexualidade na perspectiva de jovens estudantes surgiu de falas e confidências que surgiram ao longo de minha convivência com eles. Os interlocutores foram meus alunos em turmas que tive nos anos de 2016 e 2017, sendo estas as que mais demonstraram curiosidade e interesse nas aulas do conteúdo de

gênero, sexualidade e identidade, do eixo temático de Cultura, Identidade e Diversidade, da disciplina Sociologia, do ensino médio integrado<sup>2</sup>.

No início das aulas deste conteúdo, utilizei uma campanha publicitária e histórias de personagens de animações (filmes e desenhos), para problematizar o posicionamento ocupado por mulheres e homens nesses contextos e comparar com situações de nosso entorno. Tendo por base esse material, partimos para como as ciências sociais abordam a temática. Sobre esse assunto, estudiosos sobre o ensino de sociologia no ensino médio chamam atenção para que as aulas não sejam apenas um momento de exposição de teorias e conceitos, mas que se preocupem em problematizar situações próximas à realidade dos alunos, articulando este momento da aula com as categorias de estranhamento e naturalização (SARANDY, 2004; DAYRELL, 2007; 2010; MORAES, 2010; LAHIRE, 2014).

Ao trabalhar o conteúdo referido<sup>3</sup>, iniciei as aulas com uma campanha publicitária de uma marca de absorventes<sup>4</sup>, lançada em 2014, que chamava atenção para o tom pejorativo de se atribuir “coisas de menina” a situações de fraqueza e falta de coragem. No vídeo, chama-se atenção para que fazer as coisas como uma garota também pode representar o lado forte da história, pois depende de quem a conta e de seus interesses com isso. A partir desta proposta, iniciamos um debate sobre as diferenças de expectativa entre o que as sociedades classificam como masculino e feminino, bem como o lugar reservado àqueles que não se identificam com tais definições.

No contexto em questão, como uma das cenas etnográficas deste trabalho, devo salientar que a sala de aula (ou melhor, a escola de um

---

<sup>2</sup> A disciplina Sociologia estava organizada – na instituição em que trabalhei em 2016 – em três grandes eixos temáticos, contemplando cultura, política e sociedade, distribuídos nos três anos do ensino médio.

<sup>3</sup> Para discutir este conteúdo, levo, em média, seis aulas de 50 minutos cada.

<sup>4</sup> Refiro-me à campanha “Like a girl”, que está disponível em um famoso site de vídeos da web.

modo geral) e seus sujeitos representam o espaço em que os jovens passam boa parte do dia, por aproximadamente quatro anos, dependendo da duração do curso técnico em que estejam matriculados. Em alguns casos, já estudaram na mesma turma no ensino fundamental e/ou são parentes – o que também costuma se estender para depois disso, nos cursos de graduação –, o que os deixam mais a vontade para expor algumas opiniões em sala de aula<sup>5</sup>.

Dos vinte e um estudantes que participaram da pesquisa, dezesseis são meninas e cinco meninos, com idades entre 15 e 18 anos, cujos perfis podem ser vistos no quadro a seguir:

**Quadro 1** - Perfil dos interlocutores

| Nome <sup>6</sup> | Idade | Religião   | Relaciona-<br>mento | Mora com<br>quantas<br>pessoas | Relação de Parentesco com o<br>entrevistado |
|-------------------|-------|------------|---------------------|--------------------------------|---------------------------------------------|
| Aline             | 15    | Evangélica | Solteira            | 03                             | Mãe, padrasto, irmão                        |
| Bruna             | 15    | Não tem    | Namorando           | 05                             | Pai, mãe, tia, primo, prima                 |
| Cíntia            | 16    | Católica   | Enrolada            | 02                             | Pai, mãe                                    |
| Joice             | 16    | Indefinida | Namorando           | 03                             | Mãe, padrasto, avó                          |
| Carla             | 16    | Indefinida | Solteira            | 01                             | Mãe                                         |
| Luana             | 16    | Evangélica | Namorando           | 03                             | Mãe, irmão, avó                             |
| Fernanda          | 16    | Católica   | Namorando           | 02                             | Mãe, pai                                    |
| Julia             | 16    | Indefinida | Solteira            | 03                             | Pai, mãe,irmão                              |
| Andrea            | 16    | Católica   | Namorando           | 03                             | Pai, mãe,irmão                              |
| Márcia            | 16    | Indefinida | Solteira            | 03                             | Mãe, tia, irmão                             |
| Kelly             | 16    | Evangélica | Solteira            | 03                             | Pai, mãe, irmã                              |
| Sandra            | 17    | Evangélica | Solteira            | 07                             | Pai, mãe, irmãos (5)                        |
| Sara              | 17    | Evangélica | Solteira            | 03                             | Pai, mãe, irmão                             |
| Tales             | 17    | Não tem    | Indefinido          | 01                             | Irmã                                        |

<sup>5</sup> Não queremos dizer que eles fazem isso em todas as aulas. Nos primeiros dias da disciplina, a participação é tímida, em função da relação de confiança que precisa ser construída entre nós (professores e alunos), o que, evidentemente, não é uma regra válida em todas as turmas que atuamos ao longo do ano letivo.

<sup>6</sup> Os nomes listados são fictícios.

|         |    |            |           |    |                                      |
|---------|----|------------|-----------|----|--------------------------------------|
| Lucas   | 18 | Nenhuma    | Solteiro  | 01 | Pai                                  |
| Mônica  | 17 | Evangélica | Solteira  | 02 | Pai, mãe                             |
| Flávio  | 17 | Católico   | Solteiro  | 03 | Pai, mãe, irmão                      |
| Beatriz | 17 | Evangélica | Solteira  | 04 | Pai, mãe, irmã, avó                  |
| Mateus  | 17 | Não tem    | Solteiro  | 02 | Pai, mãe                             |
| Jaime   | 18 | Católico   | Namorando | 03 | Pai, mãe, irmã                       |
| Luíza   | 18 | Católica   | Solteira  | 08 | Pai, mãe, irmãos (2), irmãs (3), avó |

**Fonte:** Pesquisa de Campo (2016).

Todos os interlocutores moram com familiares, sejam eles pais, tios, avós, padrasto, irmãos, o que chama atenção para a diversidade nas configurações familiares, conforme destacam diversos estudos antropológicos (LÉVI-STRAUSS, 1989; SARTI, 1996, 2004; DAUSTER, 1985, 1988; LINS DE BARROS, 1985, 1987; VELHO, 1985, 1987, 2008; ALMEIDA, 1987; DAMATTA, 1987; FONSECA, 1995, 2002, 2007). É importante ressaltar que há casos específicos como: os que moram com mãe e padrasto, apenas com pai ou mãe, ou irmã, são típicos da sociedade contemporânea.

Na vida desses jovens, a família representa uma referência muito importante, assim como a igreja, em relação ao que pensam sobre gênero e sexualidade, como será visto com mais detalhes no próximo item. Uma referência sobre querer espelhar a relação entre os pais ou, muito pelo contrário, em não querer agir da mesma maneira. Não parece haver um meio termo.

Quanto ao status de relacionamento, pode observar que há uma variedade de situações para se estar com alguém, modalidades essas mostradas com mais detalhes por Lago (2002). Entre as classificações que utilizam para isso, tem-se o relacionamento sério, que dever ser anunciado também nas redes sociais, porque “se está no face, é verdade, professora”, como disse uma das alunas. O conceito de relacionamento sério, então, implica em assumir o namoro para a família e amigos. Outras classificações de relacionamento que utilizaram foram a de solteiro

e enrolado, que não significa necessariamente a falta de interesse e/ou de compromisso com alguém.

Dessa maneira, seis estudantes estão assumidamente namorando (com intenção de construir família com seu atual parceiro, mas em um longo prazo), treze se declararam solteiros e dois não quiseram precisar o tipo de relacionamento, que eles costumam chamar de “ficar” ou “pegar” alguém.

Quanto à religião, dos vinte e um, oito declaram não ter ou indefinida, o que não significa a descrença em um ser divino. A indecisão ocorre em razão de não se identificarem com alguns dogmas pregados pelas igrejas, por não se sentirem representados neles e/ou pelos olhares de reprovação que possam receber em função de sua orientação sexual, daí preferem não frequentar tal espaço. Entretanto, vale dizer que os princípios pregados por algumas religiões, principalmente para os jovens (de namorar para casar) será uma das principais referências acionadas para tratar de gênero e sexualidade.

## **Falando sobre gênero e sexualidade**

Tendo em vista o que foi dito até aqui, alguns questionamentos embasaram nossa pesquisa: o que pensam por feminino e masculino? Meninas e meninos se comportam (ou podem se comportar) da mesma maneira em um “fica” ou namoro? Com qual idade beijaram pela primeira vez? A expectativa é igual para meninas e meninos?

Para entender significados sobre gênero e sexualidade no cotidiano dos jovens, e, conseqüentemente, formas de transição para a vida adulta, busquei identificar as redes de sociabilidade que eles costumam tecer em sua vivência da juventude. Os grupos de amigos são muito importantes na interação desta idade da vida, em função do sentimento de ser aceito nestes grupos, assim como na família e na igreja. Isso demarca a importância destas redes na juventude e, também, de formas de socialização, entendidas como trocas de experiência e interação, para além da ideia de transmissão cultural restrita à infância.

As redes de interação que são tecidas na juventude também revelam significados de estar com o outro no cotidiano, configurando a relação de alteridade estudada pela antropologia (MALINOWSKI, 1978; GEERTZ, 1989; MAUSS, 2003).

Quanto aos relacionamentos afetivos e sexuais, notou-se que é aos nove anos de idade que geralmente dão o primeiro beijo (alguns meninos começam um pouco mais cedo, aos sete ou oito anos), com alguém da escola ou da vizinhança, em brincadeiras, como é possível ver no excerto a seguir:

Quando eu beijei pela primeira vez, foi com 9 anos, um menino que era o mais bonito da rua e que todas as meninas era afim dele. Só que ele era mais velho [dois anos mais velho] e ficava ensinando a brincadeira de verdade e desafio pra gente. Foi assim que a gente se beijou. Quando a minha mãe ficou sabendo, porque a vizinha fofoqueira contou, ela me deixou um tempão sem poder brincar na rua... Já encontrei com ele um dia desses no supermercado e ele está muito feio, professora. Nem sei o que eu achava bonito nele. (Carla, 16 anos).

Foi com 11 anos. Eu gostei, apesar de me sentir nervoso, por sentir a obrigação de saber beijar. Todos [os meninos] ali eram um ou dois anos mais velhos e já tinham beijado, foi numa brincadeira de verdade e desafio [...]. nem foi com uma menina que eu já estava afim [...]. Mas valeu pra não ser mais o BV do grupo. (Lucas, 18 anos)

Os jovens desta pesquisa falaram sobre o primeiro beijo como um ritual de saída da infância, que acontece em uma brincadeira, quando há outros meninos e meninas envolvidos da mesma faixa etária, para todo mundo ver (porque, ninguém quer ser apontado como BV<sup>7</sup>). Pelos relatos anteriores, verificamos que os significados e expectativas presentes

---

<sup>7</sup> Nessa idade, quem ainda não beijou na boca é chamado de BV (boca virgem).

nessa situação são diferenciados, conforme a perspectiva de gênero. Tais diferenciações acompanham a trajetória de todos os interlocutores, que tratam de deixar em lados opostos o que deve ser mais adequado para homens e mulheres, aliás, um traço marcante na socialização destes jovens e, conseqüentemente, nos modos de viver a juventude (ABRAMO, 1997, 2004; CAMARANO; MELLO; PASINATO; KANZO, 2004).

Muitos outros sentidos podem ser atribuídos a um beijo na boca. Se o primeiro beijo é visto como uma grande responsabilidade, embora pareça maior para os meninos, como nos mostrou Lucas (18 anos), ele também pode ser carregado de dúvidas (e, quem sabe, arrependimentos), como na história de Mateus:

Quando eu beijei um menino pela primeira vez, eu contei logo para a minha mãe. Cheguei com ela, morrendo de medo, e já com a minha malinha do lado, esperando que ela me colocasse para fora de casa. Já escutei cada história, até de amigos meus, que os pais não aceitam que eles sejam gays, aí eu já estava esperando qualquer coisa assim. Para a minha surpresa, ela ficou super tranquila, e me disse que estava tudo bem, que era para eu experimentar e ter certeza do que eu gosto. (Mateus, 17 anos).

Algo bastante tratado pelos jovens deste estudo é que os gêneros são apenas masculino e feminino e, por este motivo, todas as pessoas *devem* se identificar com um ou com outro, conforme suas características biológicas<sup>8</sup>. A fala de Mateus representa uma das preocupações que os jovens têm de sua orientação sexual e sua identidade de gênero não serem aceitas pela família.

---

<sup>8</sup> É válido lembrar que a categoria gênero, de acordo com as Ciências Sociais, indica a distinção entre as características culturais, e não biológicas apenas, que são utilizadas para identificar homens e mulheres e, por este motivo, diferenciam-se entre os grupos sociais, sendo, portanto, uma construção social (HEILBORN, 1992, 2004; SAFFIOTI, 1994; SCOTT, 1995; STRATHERN, 1997).

Vale dizer, ainda, que o tom do discurso da não aceitação quanto à diversidade sexual pode partir deles mesmos quando, por exemplo, os interlocutores falam de seus amigos ou conhecidos (também da mesma faixa etária). Neste caso, no contexto das experiências afetivo-sexuais dos jovens deste estudo, gênero, sexualidade, diversidade são categorias que ficam em segundo plano, pois, eles estão “experimentando”, não querem ser rotulados, para saber se gostam e se é isso que querem para suas vidas.

A maior parte das falas sempre considera o padrão binário de gênero, que está relacionado, de acordo com a opinião deles, tanto com comportamentos e experiências quanto com a maneira de se vestir, comportar e de se relacionar de maneira afetiva e sexual, o que dificulta o entendimento da diversidade sexual e identidade de gênero por parte deles. As opiniões se dividem e são ditas como “favoráveis” ou “contrárias” à diversidade sexual, fortemente carregadas de ensinamentos religiosos, influência de opinião da família e/ou engajamento político, o que confere à escola (e às aulas de Sociologia) um importante canal de debate dentro e fora da sala de aula.

## Considerações finais

O que mais tem chamado minha atenção em trabalhar com as turmas do ensino médio é o interesse que boa parte dos alunos demonstra em dialogar sobre os mais variados assuntos da vida, como namoro, amizade, relações com a família, seja falando de alguma situação que aconteceu consigo ou com alguém próximo, para, a partir daí, entrarmos nas discussões teóricas da disciplina.

De acordo com o que foi discutido aqui, a ideia de experimentação tem um grande peso no modo de ser jovem. Mas será que “experimentar” vale (igualmente) para meninos e meninas? Com quantos já ficaram para experimentar? Durante um “fica”, o que pode rolar? Onde esses jovens buscam informações para compreender o processo de “aceitação” em relação à identidade de gênero e sexualidade?

Vimos que as falas dos jovens partem do padrão binário de gênero, reproduzindo um discurso heteronormativo, marcado por

expressões como “está errado”, “não concordo”, “só existem dois sexos”. Entretanto, a reprodução de um discurso hegemônico não os impede, por outro lado, de experimentar “ficar com meninos e meninas”, como eles dizem, tampouco os impede de fazer amizade com pessoas que se declaram gays, “bi” ou lésbicas.

Conforme o que se procurou discutir neste trabalho, “nem certo”, “nem errado” são significados muito presentes nas relações que os jovens vão estabelecendo ao longo de suas trajetórias afetivo-sexuais. Neste cenário, reserva-se à diversidade sexual e de gênero o lugar do não aceito e do errado, legitimados por discursos, silêncios e olhares da própria família e da escola. Assim, o quadro de análise que se desenha revela situações de reprodução de hierarquias e não-aceitação do outro, suscitando a reflexão do lugar da diversidade na sociedade contemporânea.

## Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, Instituto Cidadania, 2004. p. 37-72.
- \_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5 e 6, p. 25-36, maio-dez. 1997.
- ALMEIDA, Ângela Mendes de. Notas sobre a Família no Brasil. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de; CARNEIRO, Maria José; PAULA, Silvana Gonçalves de (Org.). *Pensando a Família no Brasil da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: Editora da UFRJ, 1987. p. 53-66.
- CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana Leitão e; PASINATO, Maria Tereza; KANZO, Solange. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Ultima Década*, n. 21, CIDPA, p. 11-50dez. 2004.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis Roberto. A vocação crítica da antropologia. *Anuário Antropológico* 90. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. p. 63-81.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DAMATTA, Roberto. A família como valor. Considerações não familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de; CARNEIRO, Maria José; PAULA, Silvana Gonçalves de (Org.). *Pensando a Família no Brasil da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: Editora da UFRJ, 1987. p. 115-136.

\_\_\_\_\_. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAUSTER, Tânia. A desafiante mãe solteira. A Nova Família, Caderno Especial. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jul. 1985.

\_\_\_\_\_. Código familiar: uma versão sobre o significado da família em camadas médias urbanas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 103-125, jan.-jun. 1988.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, especial, 2007.

\_\_\_\_\_. A juventude no contexto do ensino da Sociologia: questões e desafios. In: MORAES, Amaury (Coord.). *Sociologia: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 65-84 (Coleção Explorando o Ensino).

FISHER, Michael. Da antropologia interpretativa à antropologia crítica. *Anuário Antropológico* 83. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1985. P. 55-72.

FONSECA, Cláudia. *Caminhos da Adoção*. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. Mãe é uma só? Reflexões em torno de alguns casos brasileiros. *Psicologia USP*, v. 13, n. 2, p. 49-68, 2002.

\_\_\_\_\_. Apresentação. De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. *Cadernos Pagu*, n. 29, 2007. Disponível em: <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010483332007000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332007000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 jun. 2008.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HEILBORN, Maria Luíza. Fazendo Gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil. In: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

\_\_\_\_\_. *Dois é Par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LAGO, Syane de Paula Costa. *Namoro pra casar, namoro pra escolher (com quem casar)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2002. 122 f.

LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino de sociologia? *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 45, n. 1, p. 45-61, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Família. In: *O Olhar Distanciado*. Lisboa: Edições 70, 1989. P. 69-98.

LINS DE BARROS, Myriam. Avós: autoridade e afeto. A Nova Família, Caderno Especial. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14 jul. 1985.

\_\_\_\_\_. *Autoridade & Afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

MALINOWSKI, Bronislaw. Tema, método e objetivo desta pesquisa. In: \_\_\_\_\_. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril, 1978. (Coleção Os Pensadores).

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Casac Naify, 2003 [1924]. p. 185-314.

MORAES, Amaury Cesar; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. Metodologia de ensino de ciências sociais: relendo as OCEM-Sociologia. In: MORAES, Amaury (Coord.). *Sociologia: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Coleção Explorando o Ensino P. 45-62.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/pusp/v15n3/24603.pdf](http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n3/24603.pdf)>. Acesso em 26 jun. 2008.

- SAFFIOTI, Heleieth. Pós-fácio: Conceituando gênero. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Mulher Brasileira é Assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: NIPAS, Brasília: UNICEF, 1994.
- SARANDY, Flávio. Reflexões acerca do sentido da sociologia no ensino médio. In: MORAES, Amaury; CARVALHO, Lejeune (Orgs.). *Sociologia e ensino médio em debate: experiências e discussão de sociologia no ensino médio*. Ijuí,RS: UNIJUI, 2004. P. 113-130.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 71-99jul.-dez. 1995.
- STRATHERN, Marilyn. Entre uma melasianista e uma feminista. *Cadernos Pagu*, n. 8/9, 1997.
- TRAJANO FILHO, Wilson. Que barulho é esse, o dos pós-modernos? *Anuário Antropológico* 86. Brasília, Tempo Brasileiro, 1988. p. 133-151.
- VELHO, Gilberto. Dramas e rotinas da separação. A Nova Família, Caderno Especial. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 14 jul. 1985.
- VELHO, Gilberto. Família e Subjetividade. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de(org.); CARNEIRO, Maria José (org.); PAULA, Silvana Gonçalves (org). *Pensando a Família no Brasil da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: Editora da UFRJ, 1987.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.